Globethics Repository



O encontro de Hans Küng com Bento XVI [Hans Küng's meeting with Benedict XVI]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Küng, Hans, 1928-
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-09 09:55:12
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162912

O encontro de Hans Küng com Bento XVI.

Hans Küng e Papa Bento, velhos amigos e arqui-rivais, têm um encontro cordial

Traduzimos e publicamos na íntegra o artigo, sob o título acima, de John L. Allen Jr, correspondente em Roma do jornal norte-americano ***National Catholic Reporter*** (NCR), dia 26-9-05. John L. Allen Jr é reconhecido, internacionalmente, como um dos importantes vaticanistas da atualidade. A tradução é nossa e foi publicada, originalmente, na página www.unisinos.br/ihu , nas notícias diárias, de 1-10-05. O autor se refere ao encontro entre Hans Küng e Ratzinger que aconteceu em 24 de setembro de 2005, quando os dois jantaram e conversaram durante 2 horas. Nas notícias diárias da página www.unisinos.br/ihu, de 26 de setembro de 2005, foi publicada uma nota sobre o encontro.

"Num gesto dramático de reconciliação, o Papa Bento XVI encontrou-se no dia 24 de setembro com seu antigo colega e por muito tempo opositor, o teólogo católico suíço Hans Küng[4], um impetuoso liberal que certa ocasião comparou o então cardeal Joseph Ratzinger[5] com o chefe da KGB em sua capacidade de impor a verdadeira doutrina do Vaticano. Em 1979, a licença de Küng para ensinar a teologia católica foi revogada pelo Papa João Paulo II, uma decisão na qual Ratzinger teve participação como membro da conferência episcopal alemã. Nos anos seguintes, Küng foi um crítico destacado de diversas posições doutrinais defendidas por Ratzinger, e dos procedimentos investigatórios pelos quais elas são impostas.

Enquanto os dois homens gostavam de discordar em matérias de doutrina, o Papa ofereceu cálidos elogios pelos esforços de Küng para promover o diálogo entre religiões e com as ciências naturais, enquanto Küng expressava apoio aos empenhos do Papa na promoção das mesmas linhas.

Um enunciado do Vaticano, de 26 de setembro, não informou sobre quem solicitou o encontro, mas disse que ele teve lugar num "clima amistoso" e que Bento XVI ofereceu especial apoio aos esforços de Küng na construção de um **Weltethos**, Uma ética mundial[6], ou uma infra-estrutura moral

[4] **Hans Küng** (1928): teólogo suíço. É padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infabilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen. Dedica-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como ***A Igreja Católica***, publicada pela editora Objetiva e ***Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns***, pela editora Verus. Para conhecer sua trajetória cfr. Hans KÜNG. ***Libertad conquistada. Memorias***. Madrid: Trotta, 2004. (Nota da ***IHU On-Line***).

[5] **Joseph Ratzinger**, teólogo alemão, é o Papa Bento XVI. Autor de uma vasta e importante obra teológica, um dos seus livros fundamentais, ***Introdução ao cristianismo*** está sendo republicado pelas Edições Loyola. (Nota da ***IHU On-Line***)

[6] Tradução portuguesa: KUNG, Hans. Projeto de ***Ética Mundial***. São Paulo: Paulinas, 1992. (Nota da ***IHU On-Line***)

baseada em valores colhidos entre as religiões, que também podem ser reconhecidos pela razão secular.

Ambas as partes concordaram, segundo o enunciado, que não fazia sentido entrar nas "persistentes questões doutrinais" entre Küng e o magistério da Igreja Católica.

Num certo nível, o encontro foi uma reunião de velhos amigos que atuaram juntos na famosa faculdade alemã de teologia de Tübingen nos anos de 1960. De fato, foi Küng que trouxe então o irmão Joseph Ratzinger a Tübingen, atraindo-o de uma posição na Universidade de Münster. Os dois homens serviram juntos como peritos ou teólogos *experts* para os bispos alemães no Concílio Vaticano II [7](1962-65), onde faziam parte da ampla maioria progressista. Em Tübingen, eles tinham um regular encontro num jantar semanal nas quintas-feiras, para discutir um jornal que eles editavam juntos.

No início do Vaticano II, o então Cardeal de Milão, Giovanni Battista Montini, que concluiria o concílio como Papa Paulo VI, predisse que duas figuras proeminentes seriam muito comentadas nestes anos no mundo católico - Küng e Ratzinger.

Num outro nível, todavia, a reunião de 24 de setembro representa um encontro entre os dois principais líderes da esquerda e da direita católica no período pós-Vaticano II. Küng, conhecido por suas acirradas disputas públicas sobre a infalibilidade papal e outras doutrinas, foi por muito tempo um predileto dos católicos liberais, durante mais de 24 anos, enquanto o chefe doutrinal do Vaticano Ratzinger se tornou o campeão da ala conservadora da Igreja.

A decisão do Papa de se encontrar com Küng e o tom caloroso de seu encontro será visto, em larga escala, como um gesto de reconciliação com a comunidade teológica, e mais em geral, com as facções liberais do catolicismo. Sob certos aspectos, é difícil saber se devemos ficar mais surpreendidos com o fato de Bento conceder o encontro, ou de Küng, em aceitá-lo.

O encontro Ratzinger-Metz derriçou

Em 1997, um outro teólogo católico alemão, que seguidamente teve desacertos com Ratzinger, Johann Baptist Metz[8], celebrou seu septuagésimo aniversário em Ahaus, na Alemanha. Ratzinger esteve no programa, e os dois homens falaram carinhosamente um do outro. "Muitos de meus colegas tiveram a impressão que isto [o aparecimento de Ratzinger] foi um gesto de reconciliação ante a comunidade teológica", disse Metz.

Küng, entretanto, ridicularizou Metz por aparecer com Ratzinger sem fazer caso da reforma interna da Igreja. "É surpreendente" e "um verdadeiro escândalo" que Metz "quisesse oferecer um fórum ao Grande Inquisidor", escreveu Küng em carta aberta publicada antes do simpósio de Ahaus. "Ele é a autoridade principal do ofício inquisitorial. É algo semelhante a ter uma conversação geral sobre direitos humanos com o cabeça da KGB". Foi o que disse Küng na época numa entrevista na NCR. "Isso é praticamente uma capitulação para o sistema romano, uma espécie de acordo de paz com Ratzinger, quando a verdadeira tarefa da teologia política deveria ser a de identificar-se com o povo sofredor em nossa igreja. Eles estão exagerando em falar sobre Deus para evitar de lidar com problemas na igreja".

Foi tudo um pouco pesado para Metz. "Às vezes ele se comporta como um segundo magistério. Para dizer-lhe a verdade, um é suficiente, pelo menos para mim", disse Metz, acrescentando que ele ficou "muito

[7] O **Concílio Vaticano II**, realizado entre 1962 e 1965, é considerado o maior acontecimento da história da Igreja, do século XX. Durante o Concílio Vaticano II, foram publicados dois documentos. A constituição dogmática *Lumen Gentium*, que foi tema de capa da ***Revista IHU On-Line***, edição nº. 124, de 22 de novembro de 2004, e a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, que foi tema de capa da ***Revista IHU ON-Line***, nº. 157, de 26 de setembro de 2005. (Nota da ***IHU On-Line).***

[8] Johann Baptist Metz: teólogo alemão. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15 de abril de 2002 e reproduzimos um artigo escrito por ocasião do 60º aniversário de Karl Rahner, publicado como introdução, no livro ***Gott in Welt. Festgabe für Karl Rahner*****,** na edição de nº. 102, de 24 de maio de 2004. (Nota da ***IHU On-Line).***

magoado, muito desapontado, muito angustiado" com os comentários de Küng.

Küng não se arrependeu

"Esse evento foi simplesmente uma belíssima ocasião de mostrar Ratzinger como um sorridente Inquisidor que pode falar sobre altos temas teológicos de maneira serena", disse ele. "Ele pensou que todos ficariam impressionados".

Essas reações refletem a acidentada história entre Küng e Ratzinger.

Não há ninguém no mundo mais associado com o Vaticano II, tanto com suas promessas como com seus perigos, que o teólogo suíço de 77 anos de idade. Seu livro, ***O Concílio, Reforma e Reunião***, foi amplamente considerado como o gabarito extra-oficial para o Vaticano II. "Jamais um teólogo individual terá novamente tal influência", escreveu o último *expert* do Vaticano, Peter Hebblethwaite[9].

Nos anos seguintes, Küng se tornou a face pública do catolicismo liberal, advogando uma reforma na Igreja, um progresso ecumênico e um diálogo inter-religioso com religiões não cristãs.

Küng foi contatado pela primeira vez pelo Vaticano em abril de 1967, para responder a ressalvas contra seu livro ***Die Kirche*** (A Igreja)[10], que enfoca especialmente sua compreensão da autoridade papal. Naquela época, Küng fez várias exigências: para ter acesso ao seu arquivo ("Eu preciso mencionar com insistência que em, todos os estados civilizados do Ocidente, mesmo criminosos, têm garantido total acesso ao dossiê que lhes pertence"); que nenhuma decisão anterior feita sem seu envolvimento seja posta de lado; uma lista escrita dos problemas com seu livro; para saber os nomes dos *experts* que investigaram seu livro; a permissão de falar em alemão durante qualquer encontro formal; e que suas despesas de viagem a Roma sejam pagas, pois, caso contrário, disse ele, eles poderiam promover o encontro em Tübingen; "minha casa estaria à sua disposição". Cópias com papel carbono desta carta chegaram ao Bispo Joseph Leiprecht da diocese de Rottenberg, na qual Tübingen está localizada, e a Ratzinger, que era então decano da Faculdade Teológica.

Em julho de 1970, a verdadeira surpresa de Küng explodiu sobre o mundo católico. Seu livro sobre a infalibilidade papal pareceu desafiar a declaração de 1870 Vaticano I, questionando tanto sua solidez teológica como suas desastrosas implicações para o ecumenismo.

Pouco depois do aparecimento do livro de Küng, a conferência episcopal alemã começou uma investigação. Em janeiro de 1971, Küng compareceu a uma audiência da comissão doutrinal da conferência e seus consultores teológicos, incluindo Ratzinger. A 8 de fevereiro de 1971, a conferência dos bispos publicou uma declaração, denunciando o livro de Küng.

Ratzinger contribuiu para um volume editado em 1971 por Karl Rahner[11], que continha ensaios críticos sobre o livro de Küng. Ambos, Ratzinger e o famoso teólogo jesuíta Karl Rahner expressaram sérias reservas. Küng lastimou não ter sido convidado por Rahner a contribuir com um ensaio em sua própria defesa.

O que muitas pessoas acreditam ser a obra prima de Küng, ***Ser Cristão***[12], foi publicado em 1974. Em algumas regiões, o livro foi imediatamente elogiado como um clássico, mas a reação nos círculos da teologia católica acadêmica foi muito mais variada. Em 1976, um volume de ensaios em resposta ao livro foi publicado na Alemanha, contendo contribuições de Ratzinger, Rahner e outros.

---

[9] **Peter Hebblethwaite**: ex-padre jesuíta, é importante jornalista especializado nos assuntos do Vaticano. (Nota da ***IHU On-Line***)

[10] Tradução portuguesa: KUNG, Hans. ***A Igreja Católica***. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. (Nota da ***IHU On-Line***)

[11] **Karl Rahner** (1904-1984): teólogo alemão jesuíta que contribuiu significativamente com a teologia católica no século XX. Um dos teólogos mais influentes durante o Concilio Vaticano II, colaborando para uma compreensão moderna da fé católica. ***IHU On-Line*** dedicou ao teólogo a edição número 102, de 24 de maio de 2004. (Nota da ***IHU On-Line***)

[12] Tradução portuguesa: KUNG, Hans. ***Ser cristão***. Rio de Janeiro: Imago. 1974. (Nota da ***IHU On-Line***)

O livro expressou uma "opção por um rótulo que, na realidade, é uma fórmula vazia", escreveu Ratzinger. Ele levou a teologia "para fora da seriedade da vida e da morte e para os interesses questionáveis da literatura"; nele a fé cristã é "levada para a corrupção de seu verdadeiro fundamento", a Igreja desaparece "literalmente no falar sobre nada"; ele contém "uma arrogância desmedida"; sua teologia "não tem roteiro e em última análise não vincula"; Küng foi "conduzindo-o sozinho, sozinho consigo mesmo e a irracionalidade moderna"; o livro expressou "uma certeza escolar, uma certeza partidária, não uma certeza pela qual alguém pode viver e morrer, uma certeza para um período confortável no qual as coisas últimas não são exigidas"; sua teologia "chega em última análise ao absurdo", e "não conduz a nenhum lugar".

Küng objetou amargamente à análise de Ratzinger aos 22 de maio de 1976, num artigo no jornal ***Frankfurter Allgemeine***, escrevendo que ela continha "numerosas representações falsas, insinuações e condenações". Em toda parte, Küng se referia ao volume de ensaios como "um tiro totalmente às avessas".

Küng defende sua obra

Em 1977, Küng se apresentou ante um painel em Stuttgart para discutir as referências dos bispos alemães sobre o livro e sua outra obra. Um cardeal dissera que ele desejava ter Ratzinger e Karl Lehmann[13], este agora cardeal de Mainz, com ele como consultores. Küng objetou a Ratzinger, argüindo que seus livros sobre a infalibilidade e ***Ser cristão*** careciam de objetividade. "Eu não desejei a presença do Sr. Ratzinger aqui, porque não desejo falar com ele", disse Küng em Stuttgart. "porque, afinal, eu tinha imaginado (o que foi confirmado aqui) que entraria neste colóquio uma fundamental rispidez e emotividade que eu não desejaria".

Entrementes, Ratzinger tinha sido sagrado como cardeal-arcebispo de Munique, e ele ficou envolvido na conferência episcopal com as discussões internas sobre o caso Küng. Diversas cartas circularam entre Ratzinger, o Cardeal Josef Höffner de Colônia, o principal crítico de Küng entre os bispos durante boa parte dos anos 1970, e Küng.

O primeiro aceno para uma medida disciplinar sobre os livros de Küng ocorreu aos 16 de outubro de 1979, numa entrevista radiofônica dada por Ratzinger, na qual ele foi duramente crítico a respeito do artigo de Küng sobre o Papa. De 5 a 9 de novembro, os cardeais alemães estiveram em Roma para um encontro com o Papa.

Numa entrevista posterior com a agência de notícias católica da Alemanha, Ratzinger usou o termo *missio canonica* pela primeira vez em conexão com o caso, dizendo que Küng não podia ensinar teologia católica e perdia o visto para fazê-lo. A *missio canonica* é a licença que um teólogo católico deve ter para ensinar numa instituição pontifícia reconhecida. Aos 18 de dezembro de 1979, os bispos alemães deram uma conferência na imprensa, anunciando uma declaração da Congregação para a Doutrina da Fé, segundo a qual Küng não estava mais qualificado para ser um teólogo católico.

Num sermão no dia 31 de dezembro de 1979, Ratzinger defendeu a ação contra Küng em termos que se tornariam familiares: "O fiel cristão é uma simples pessoa: os bispos deveriam proteger a fé dessas simples pessoas contra o poder dos intelectuais".

Durante o quase quarto de século de Ratzinger na Congregação para a Doutrina da Fé, Küng permaneceu como um dos mais ferrenhos críticos. Em 1989, por exemplo, ele esteve entre os principais signatários da "Declaração de Colônia", um enunciado de 163 teólogos, lamentando o "centralismo romano" na igreja.

[13] **Karl Lehmann**: importante teólogo alemão, atualmente cardeal-arcebispo de Mainz e presidente da Conferência Episcopal da Alemanha, escreveu um artigo sobre Kant que a ***IHU On-Line*** traduziu e publicou na 93ª edição, de 22 de março de 2004. O Instituto Humanitas Unisinos também traduziu e publicou o artigo *O Cristianismo – Uma religião entre outras? Um subsídio para o Diálogo Inter-religioso – na perspectiva católica*, de autoria de Karl Lehmann. O artigo foi publicado em **Multitextos**, no. 1, outubro de 2003. (Nota da ***IHU On-Line***)

No entanto, o respeito dos dois homens um pelo outro permaneceu intacto no decorrer dos anos.
Em suas memórias, de 1997, Ratzinger escreveu de maneira positiva sobre Küng. Na reação imediata à eleição de Ratzinger como Bento XVI, Küng de certa forma retribuiu o favor, chamando o resultado de "um enorme desapontamento", mas acrescentando: "O papado é um tal desafio que ele pode mudar qualquer um... Procuremos, então, dar-lhe uma chance".

A declaração do Vaticano de 26 de setembro não fez menção de nenhuma discussão sobre a possibilidade de levantar a suspensão do direito de Küng de ensinar teologia. Após a suspensão, Küng concentrou sua atenção sobre seu projeto de ética mundial, tornando-se uma figura internacionalmente reconhecida em seus esforços para promover o diálogo entre as religiões mundiais, bem como entre a fé e o mundo secular.

A opinião de alguns teólogos brasileiros sobre o encontro de Bento XVI com Hans Küng

Depois de publicar nas notícias do dia da página eletrônica do IHU de 26 de setembro de 2005 uma nota sobre o encontro do dia anterior, entre o Papa Bento XVI e o célebre teólogo Hans Küng, que tentou, em vão, ser recebido por João Paulo II, buscamos opiniões de especialistas sobre o assunto.

A equipe da ***IHU On-Line*** colheu os depoimentos do padre e teólogo **José Oscar Beozzo**, um dos maiores historiadores da Igreja na América Latina e coordenador geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep), do doutor em teologia e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) **Faustino Teixeira** e do frei **Luiz Carlos Susin**, doutor em Teologia e professor do curso de Teologia da PUCRS sobre o assunto, que estão reproduzidos abaixo e que foram originalmente publicados na página www.unisinos.br/ihu. Os três especialistas tocaram em um ponto comum: o Papa parece estar sinalizando que chegou o momento de a Igreja Católica dialogar.

José Oscar Beozzo:

"É altamente positivo que o Papa tenha recebido o teólogo Hans Küng, um severo crítico da crescente centralização romana e do paulatino afastamento das inspirações maiores do Concílio. São elas: igreja vista como povo de Deus e não apenas como seu segmento hierarárquico; liturgia centrada na assembléia orante dos batizados e sacerdócio comum dos fieis e não apenas no papel do ministro ordenado; atropelo da colegialidade episcopal do governo da igreja, com o contínuo esvaziamento dos sínodos, desprovidos de qualquer papel realmente ativo na determinação dos rumos a ser por ela seguidos.
Hans Küng nunca deixou também de denunciar as dificuldades geradas para o ecumenismo pela Dominus Jesus e as seguidas condenações de teólogos e teólogas da América Latina, Ásia, Europa, Estados Unidos.
A inculturação da liturgia e da teologia na África, Ásia e América Latina sofreram contínuos entraves no último pontificado. O que esperamos é que este seja um primeiro passo e que possa também ser aberto um diálogo com a América Latina, com teólogos e